

Manifesto
por uma cidade lúdica e coletiva :: por uma arte pública, crítica e poética

Coletivo Poro
(Brígida Campbell + Marcelo Terça-Nada)

Trabalhamos juntos desde 2002 e a cidade tem sido sempre o principal tema de nossas proposições. É na cidade que encontramos e de onde extraímos, matéria poética para a construção de obras que visam, entre outras coisas, ressignificar os espaços urbanos com proposições poéticas e/ou de cunho político.

Neste texto, em forma de manifesto, desejamos apresentar um pouco de nossas inquietações em relação aos processos urbanos contemporâneos e propor um modo de fazer arte mais aberto e relacional.



Jardim (2002) Belo Horizonte, MG
Fazer flores de papel celofane vermelho
Plantá-las em canteiros abandonados da cidade

uma cidade para todos

A cidade não é o lugar do consenso. É o lugar do encontro com a diferença, onde as várias opiniões, opções e os jeitos de ser, convivem e criam um ambiente fértil e criativo. Um ambiente de encontro com situações e modos de viver inusitados, que divergem do nosso próprio modo de viver. É nesse contato com a diferença que podemos crescer, respeitar e experienciar processos que nos deslocam e que nos tornam também sujeitos dos acontecimentos.

o simbólico na cidade

Os espaços educam. Espaços criativos geram pessoas criativas. Nossa paisagem faz parte do que nós somos. A cidade construída a partir de uma lógica funcionalista mecaniza a vida, sem deixar espaço para a construção criativa de um imaginário livre. Por monumentos e espaços que sejam instigantes e que não representem a cultura da militarização e do poder. Por espaços que não oprimam, mas que libertem e estimulem a experiência e a experimentação.



Perca tempo (2010) Centro e Pampulha/Belo Horizonte, MG
Realizado também em Brasília no Fora d@ Eixo
Ação que consiste em abrir uma faixa nos cruzamentos, enquanto o sinal de trânsito está fechado.
Ao mesmo tempo pessoas distribuem panfletos com a inscrição: "Perca tempo".
Há também uma banca de informações, na qual são distribuídos os panfletos intitulados
10 maneiras incríveis de perder tempo...

em defesa do ócio.

por uma cidade lenta

O mundo de hoje parece se sustentar da ideia de que a velocidade é uma necessidade e a pressa uma qualidade. Vivemos em uma sociedade que exalta a instantaneidade em todos os processos, na transmissão de informações e na obtenção de resultados em vários meios e sentidos. As cidades reproduzem muitas vezes esse ideário dominante da velocidade, e isso transparece no espaço público como limitação da experiência do tempo. As cidades em geral não possuem espaço para o ócio, a contemplação, ou para a perda de tempo. Os espaços urbanos são quase sempre lugares de pressa, onde o tempo precisa estar otimizado. O tempo é o nosso bem mais precioso, não seremos livres enquanto não o controlamos. Parece que vivemos em um futuro constante, sem passado e sem presente. A pressa gera uma epidemia de ansiedade.

viva a borda!

desloque o centro

Uma cidade inclusiva deve proporcionar a todos, modos de locomoção fáceis e ágeis, para que assim as distâncias não sejam um impedimento para a circulação. As cidades devem incluir as periferias.

Todos tem direito à experiência da cidade. Deslocar espaços e acontecimentos e garantir o direito à circulação de todas as pessoas.



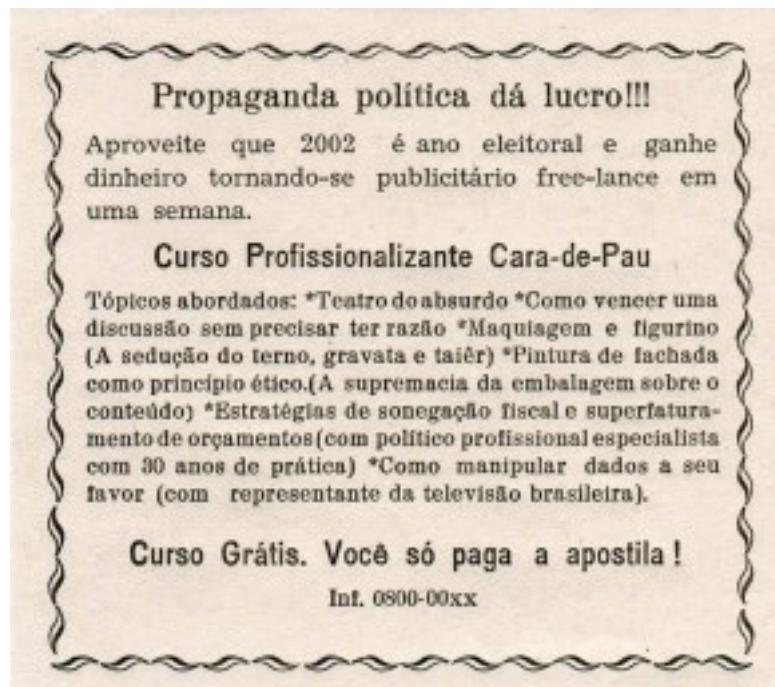
Outros setores para Brasília (2012) Intervenção com placas em vários locais de Brasília/DF

cidadãos ou consumidores?

Vivemos em um momento em que podemos perceber a tentativa de mercantilizar todas as instâncias da vida. A mídia e a cultura capitalista formam consumidores em vez de cidadãos. Incentiva-se o consumo de coisas supérfluas de tal forma que elas passam a nos parecer imprescindíveis. Construiu-se a ideia de que só é possível ser feliz se você consome certos produtos. Esses desejos produzidos pela publicidade não correspondem aos reais desejos das pessoas.

contra os shoppings

O shopping é um templo do consumo, com atmosfera controlada, onde aparentemente não existe pobreza ou tristeza. As vitrines das lojas se tornam objetos de adoração. Pais que levam seus filhos aos shoppings em vez de leva-los aos parques estão produzindo futuros consumistas, pois desde cedo as crianças desenvolvem a ideia de que comprar é uma diversão. Contra a cultura do consumo e as praças de alimentação. Os shoppings fortalecem a cultura do medo, afastam as pessoas da esfera pública. Esvaziam as ruas e reduzem os momentos de sociabilidade a momentos de consumismo. Ar-condicionado, ambientes condicionados, pessoas condicionadas. A experiência do tempo desconecta do ambiente natural. Agora é dia ou noite? Você está em Belo Horizonte, São Paulo, Miami ou Bombaim?



Propaganda política dá lucro!!! (2002, 2004, 2008 e 2010)

Diversas cidades Santinho impresso em tipografia, distribuído em locais públicos e afixado em bares, padarias, orelhões, murais etc., em variados locais e/ou por diferentes pessoas, em período paralelo ao de campanha eleitoral.

contra a publicidade

O imaginário coletivo está colonizado pela publicidade. Os espaços públicos e os meios de comunicação são cada vez mais ocupados pela publicidade. A propaganda não pode ter hegemonia no discurso sobre tudo. Só quem tem dinheiro para comprar espaços publicitário e editoriais é que pode ter voz? Não acreditamos nisso. A arte pode criar um contraponto às imagens estereotipadas da publicidade, que geram valores e uma estética baseada no consumo. Múltiplas vozes, múltiplas formas de expressar pensamentos múltiplos. Por uma cidade múltipla e voltada para o coletivo.

por uma arte não corporativa

A domesticação da arte é também uma domesticação da vida. Hoje os setores de marketing das empresas são os responsáveis por decidir sobre o financiamento de grande parte dos projetos artísticos e culturais. Não podemos deixar que a mentalidade corporativa defina os rumos e a identidade estética de um país.



Faixas de anti-sinalização (2009)

Série de faixas instaladas na região do bairro de Santa Tereza e arredores (Belo Horizonte, MG).
A faixa "Perca Tempo" deu origem à série de trabalhos de mesmo nome.

contra a cooptação da criatividade

A noção de “cidade criativa” tem sido usada para maquiar grandes empreendimentos imobiliários e justificar transformações que visam atender apenas a interesses econômicos de investidores e empreiteiras em detrimento da população. Do outro lado, manifestações espontâneas e criativas sofrem repressão policial ou perseguição política. Cidades realmente criativas devem ser povoadas de invenção e de um comportamento crítico que perceba essa realidade e a transforme com engajamento e alegria. Cada um e todos juntos somos responsáveis pelos rumos da cidade, não queremos uma cidadã para grandes investimentos. Queremos uma cidade em que todos vivam bem.

por uma arte de conexão

A arte contempla a necessidade criativa que existe em todas as pessoas. Acreditamos que a arte é uma forma de comunicação potente que pode servir para reconectar as pessoas aos seus processos cognitivos mais profundos e sensíveis. Além de criar conexões entre as pessoas e seus espaços. A arte pode ser um meio de gerar pensamento crítico e criativo. A arte é potente e pode ser simples. Existe muita beleza na simplicidade. O excesso da teorização impede a aproximação das pessoas da arte. A arte não precisa de textos incompreensíveis. Não deve ser restrita a poucos iniciados. A arte é a construção criativa e poética e deveria fazer parte da vida de todos.



interruptores para poste de luz (2005) Belo Horizonte, MG
Reprodução fotográfica de interruptor de luz afixada em postes da cidade.

por uma educação do olhar

Educar o olhar e os sentidos para aprender a ler imagens evidencia os espaços criticamente. Ver e pensar sobre o que acontece ao nosso redor. Ir além das aparências. Precisamos aprender a ver, imaginar. Ocupar de modo poético e inventivo o imaginário urbano. Construir outras possibilidade por meio da imaginação. Criar novas maneiras de pensar as cidades e agir em seus espaços.

Trazer o campo simbólico e imaginário para o real. Precisamos criar lugares para os sonhos.

por uma profundidade cotidiana

Por uma construção social os espaços. A cidade pode nos ensinar por meio da experiência coletiva. Nossa cotidiano precisa ser vivenciado de forma livre poética, para nos conectar ao presente e experienciar o aqui e o agora.

Através do que sentimos, nos transformamos. Por uma arte que se instala nos momentos ordinários.



Azulejos de papel foi um projeto realizado pelo Poro entre 2007 e 2011 com a colaboração de diversas pessoas. A intervenção consistiu em séries de imagens de azulejos impressas em off-set sobre papel jornal em tamanho natural (15×15 cm). Os *Azulejos de papel* foram instalados em muros de casas e lotes abandonados, ou casa de amigos. Os *azulejos* também foram distribuídos para que as pessoas fizessem suas próprias instalações. Nesta página você pode acompanhar as instalações realizadas em diversas circunstâncias, cidades e países.

Os Azulejos de papel estão esgotados.

Verde que não te quero cinza

A natureza faz parte de nossa constituição. Se percebemos que as cidades atuais estão nos adoecendo, temos o direito de muda-las. Antes que árvores centenárias sejam cortadas. Antes que áreas de preservação e nascentes virem condomínios ou áreas de mineração. Antes que a cidade fique ainda mais seca e quente. Precisamos de ar puro para respirar. Precisamos de silêncio e lugares sem velocidade, onde podemos aproveitar o simples fato de existir. Queremos parques e jardins por toda parte. Menos carros, mais árvores. "Mais amor, menos motor". A cidade deve proporcionar prazer.

Por uma cidade-festa

Feiras de rua, jardins comunitários, hortas urbanas, ruas arborizadas, piqueniques, conversas na calçada, intervenções poéticas, ruas para dançar. Sem atropelos, com pessoas e bicicletas circulando pelos bairros. Por uma relação próxima entre as pessoas e a cidade. Pela redescoberta de praças, arques e praias. Pelo uso do espaço público como lugar de troca, festa, manifestação e encontro. Todos devem participar da construção da cidade. Por uma cidade lúdica e coletiva!

www.poro.redezzero.org